

EVANGÉLICOS:

IGNORANTES,
PRETOS,
POBRES,
PARDOS,
PERIFÉRICOS
OU

PROTAGONISTAS?

SAMUEL SILVA

E-BOOK DE DEGUSTAÇÃO

VERSÃO GRATUITA

EVANGELHO

LICOS:

**IGNORANTES,
PRETOS,
POBRES, PARDOS
PERIFERICOS OU
PROTAGONISTAS?**

QUERIDO LEITOR, BEM-VINDO!

Você tem nas suas mãos uma parte do meu terceiro livro, intitulado “Evangélicos: ignorantes, pretos, pobres, pardos periféricos ou protagonistas?”

Com lançamento previsto para 2026, o livro analisa quem são os evangélicos brasileiros, desde nossas origens até nosso papel atual, em um país dividido e polarizado politicamente.

Aprecie esta “DEGUSTAÇÃO” e me acompanhe nas redes sociais, até a publicação da obra completa. Desejo a você uma boa leitura.

Samuel Silva



Conteúdo disponível em PDF e em vídeo!

Links na bio do instagram @prsamuelsilva_

**Faça parte do Canal através do QR Code,
pelo Whatsapp (11) 92032-4277) ou pelo
link: <https://abrir.link/PcbXw>**

PRODUÇÃO EDITORIAL:

PREPARAÇÃO DE TEXTO E CORREÇÃO:

Eliana de Piere
Vera Mergulhão

CAPA:

Mayra Marques
@design.asah

DIAGRAMAÇÃO:

Abigail Aquino
@capaacapa.produtora

INFORMAÇÕES PARA CONTATO COM O AUTOR

samuel@batistadopovo.org.br

SILVA, SAMUEL

DEGUSTAÇÃO LITERÁRIA DO LIVRO

Evangélicos: ignorantes, pretos, pobres, pardos
periféricos ou protagonistas? — 1 ed. — São Paulo:

***Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada
desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de
direitos autorais. (Lei 9.610/98)***



A INSERÇÃO DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO

A história da chegada do protestantismo no Brasil difere totalmente da forma como o catolicismo aqui chegou. E eu, particularmente, acredito que essa diferença, na forma como os cristãos protestantes desembarcaram, foi o que realmente determinou o seu crescimento, sustentabilidade e influência em todos os segmentos e espaços públicos, da sociedade brasileira, até o século XXI.

Ela se deu em momento distinto do catolicismo e, desde o início, como uma religião totalmente separada do Estado, ou seja, sem as amarras da Coroa Portuguesa.

Primeira onda protestante e, não exatamente, como missionários, aconteceria com os Huguenotes vindos da França (1557), contudo ela não teve muito êxito, posto que eles naufragaram na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, e muitos foram mortos pelos padres jesuítas.

Esses imigrantes franceses, mais que tudo, buscavam uma pátria onde pudessem ter plena liberdade religiosa, isso significa que vieram sem intervenção ou aliança com qualquer poder político.

**ESSES IMIGRANTES FRANCESES,
MAIS QUE TUDO, BUSCAVAM
UMA PÁTRIA ONDE PUDESSEM
TER PLENA LIBERDADE RELIGIOSA,
ISTO SIGNIFICA QUE VIERAM SEM
INTERVENÇÃO OU ALIANÇA
COM QUALQUER PODER POLÍTICO.**

Segunda onda, entre setenta e cem anos depois da primeira, deu-se com os holandeses, que se estabeleceram no Nordeste, principalmente no Estado de Pernambuco (1630-1654). O protestantismo implantado por esses calvinistas vindos da Holanda seguiu um modelo, em certos aspectos, diferente da tentativa anterior dos Huguenotes e dos católicos em todo Brasil. Por causa da liberdade que tinham, não submissos e nem devedores de favores políticos, esses calvinistas tinham mais sensibilidade em relação à cultura local, como diz Eduardo Hoornaert:

O regime Holandês, com notáveis sucessos no campo da economia, ciências e artes se caracterizava por uma ampla tolerância religiosa, e os holandeses estavam se conscientizando que essa tolerância devia ser promovida como um bem em si mesma. (HOORNAERT, p.139)

As sinagogas e as escolas talmúdicas do Recife foram as primeiras que apareceram no Novo Mundo, e João Maurício de Nassau-Siegen fazia questão de proteger os judeus, mesmo contra as oposições e reclamações da Igreja Reformada. (HOORNAERT, p.139)

Assim, com uma marcante valorização do ser humano, houve modificações na legislação local, de tal modo que, por exemplo, um negro escravo não podia mais mudar de dono sem que sua mulher o acompanhasse na transação. Não menos significativo, para a teocracia calvinista, era o empenho na observância do descanso dominical, que também beneficiou os negros escravizados no Brasil. (HOORNAERT, p.140)

Em relação às histórias da chegada dos batistas, metodistas e luteranos, não farei a narrativa dos fatos como os historiadores geralmente a fazem, referindo-se, por exemplo, aos missionários batistas em Salvador (1882); e sim, sobre o impacto religioso e social que ocorreu com a vinda de batistas norte-americanos fugidos da Guerra Civil Americana (Secessão), também com os imigrantes ingleses e alemães, que chegaram aqui para o exercício de suas atividades profissionais.

**A MAIOR PARTE DELES POSSUÍA
LIMITAÇÕES SOCIAIS (I.E.:
CULTURAIS E IDIOMA), TAMBÉM
RESTRICÇÕES RELIGIOSAS, UMA VEZ
QUE O CATOLICISMO ERA A RELIGIÃO
OFICIAL DO BRASIL E A PRÁTICA DA
FÉ PROTESTANTE, EM MEADOS DO
SÉCULO XIX, ERA “PROIBIDA” .**

A maior parte deles possuía limitações sociais (i.e.: culturais e idioma), também restrições religiosas, uma vez que o catolicismo era a religião oficial do Brasil e a prática da fé protestante, em meados do século XIX, era “proibida”. Apesar desse cenário teoricamente desfavorável, a presença dos protestantes sempre foi notada por meio do serviço e, às vezes, do serviço sacrificial que eles faziam.

Aqui no Brasil já nos primeiros anos da chegada dos protestantes (batistas, metodistas e presbiterianos), sentiu-se a notável contribuição social deles, conforme a obra *Centelha em Restolho Seco* (2016) de Betty Antunes de Oliveira. Nela, a autora cita uma série de escolas que foram criadas por esses cristãos aqui no Brasil, espalhadas em diversas cidades e estados – instituições de ensino que permanecem ativas até hoje, mostrando que a educação e o academicismo sempre foram parte da missão da Igreja de Cristo.

A PRIMEIRA TENTATIVA DE INSERÇÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL

Ao mencionarmos fatos históricos sobre a chegada do cristianismo no Brasil é necessário dizer que não faremos aqui um relato histórico exaustivo sobre esses fatos. Vamos pontuar movimentos que, em certa medida, foram histórias de aparente fracasso, mas que lançaram as bases para uma igreja forte, influente e missionária para o futuro, como vemos hoje.

Não podemos negar o legado que os reformadores europeus nos deixaram: a criação do próprio protestantismo; a popularização da Bíblia, traduzida na língua dos nacionais; o sacerdócio universal dos crentes; a liberdade de pensamento;

**ESSES SOLDADOS VALENTES
ATRAVESSARAM O OCEANO NESSA
MISSÃO E, INFELIZMENTE, MUITOS
TIVERAM SUAS VIDAS CEIFADAS
AQUI, TANTO PELA FEBRE AMARELA,
QUANTO POR OUTRAS DOENÇAS
TROPICAIS.**

e a separação da igreja e Estado. Não podemos negar, também, que a contrarreforma católica e uma onda de perseguição aos protestantes na Europa impulsionaram o êxodo de homens e mulheres piedosos, que tinham como objetivo único anunciar Jesus no “Novo Mundo”. Esses soldados valentes atravessaram o oceano nessa missão e, infelizmente, muitos tiveram suas vidas ceifadas aqui, tanto pela febre amarela, quanto por outras doenças tropicais. De qualquer maneira, o Brasil foi um solo fértil para receber o evangelho de Jesus Cristo, mesmo com as limitações impostas pelo Estado à época.

Embora a Noite de São Bartolomeu (1572)¹ seja posterior à chegada dos Huguenotes (1555 e 1557) esse evento estava inserido em um contexto de intensa perseguição religiosa na França, que antecedeu e se estendeu para além desse acontecimento. Essa perseguição aos protestantes foi um dos principais motivadores para que muitos huguenotes buscassem refúgio em outras terras, incluindo o Brasil.

Como a situação dos protestantes se tornava cada vez mais caótica e opressiva o vice-almirante Nicolau Durando de Villegaignon intencionalmente mobiliza os perseguidos cristãos rumo ao Brasil. (HOORNAERT, p.137).

E a Noite de São Bartolomeu, permanece na história, como um dos exemplos mais extremos da violência e intolerância religiosa que já existiu. Ela fomentou a diáspora huguenote, impulsionando-os a procurarem lugares onde pudessem livremente viver sua fé, como a sonhada colônia da França Antártica, no Brasil. Essa perseguição aos protestantes na França continuou por décadas, culminando com a revogação do Édito de Nantes, 1685 (que concedia certa liberdade religiosa aos huguenotes), o que os levou a uma nova onda de exílios.

Então, a primeira tentativa de aportarem no Brasil aconteceu em dezembro de 1555, na Baía de Guanabara, com uma expedição comandada por Nicolas Durando de Villegaignon.

**ESSAS PESSOAS (OS PASSAGEIROS)
ERAM PROTESTANTES
REFORMADOS, FRANCESES QUE
FUGIAM DA PERSEGUIÇÃO DOS
CATÓLICOS, ASSIM, EM 10 DE
MARÇO DE 1557, ESSE GRUPO
REALIZOU O PRIMEIRO CULTO
PROTESTANTE DA HISTÓRIA
DO BRASIL E DAS AMÉRICAS
– MARCANDO A PRIMEIRA
TENTATIVA DE INSERÇÃO DOS
PROTESTANTES REFORMADOS
NO NOSSO PAÍS.**

Essas pessoas (os passageiros) eram protestantes reformados, franceses que fugiam da perseguição dos católicos, assim, em 10 de março de 1557, esse grupo realizou o primeiro culto protestante da história do Brasil e das Américas – marcando a primeira tentativa de inserção dos protestantes reformados no nosso país.

Isso ocorreu porque, a princípio, Villegaignon mostrou-se simpático à Reforma Protestante, porém desconfiava dos índios Tamoios, dos seus próprios homens e ainda mais das potências europeias. Elas, eventualmente, poderiam disputar sua soberania na “Nova França”, e este comportamento levou-o a cometer atos bizarros. Apesar disso o vice-almirante Villegaignon era admirador da Reforma Protestante e propenso ao Calvinismo (HOORNAERT p.137). Assim, ele mesmo escreveu ao reformador João Calvino (Genebra/Suíça), solicitando pastores e colonos evangélicos para sua colônia.

Uma segunda expedição chegou aqui em 1556, trazendo um pequeno grupo de huguenotes liderados pelos pastores Pierre Richier e Guillaume Chartier, era um grupo com aproximadamente 280 pessoas. (HOORNAERT p.137)

Chegando ao esperado destino, em busca da paz e liberdade de culto, eles foram recebidos por Villegaignon com muita alegria e receptividade, de tal maneira que os novos habitantes (ou imigrantes) ficaram surpreendidos com a profunda piedade de seus anfitriões.

Foi então que, no dia 10 de março de 1557, esse grupo realizou o primeiro culto protestante da história do Brasil e das Américas. O comportamento receptivo de Villegaignon mudou, a partir do

**FOI ENTÃO QUE, NO
DIA 10 DE MARÇO DE
1557, ESSE GRUPO
REALIZOU O PRIMEIRO
CULTO PROTESTANTE DA
HISTÓRIA DO BRASIL E
DAS AMÉRICAS.**

que um de seus súditos, João de Lery, informou-o da possibilidade da chegada de cartas acusatórias da Europa, em nome de Carlos de Guise e outros líderes católicos, isto o fez sentir-se ameaçado da perda de seu poder e posição. Assim, coagido politicamente, ele passou a reagiu criticamente aos pastores protestantes que aqui estavam agindo livremente e que, entre outros “pecados”, usavam na Santa Ceia pão comum e vinho não misturado com água. (HOORNAERT p.137,138)

Ao olharmos o crescimento da fé cristã protestante, ao longo do tempo, inicialmente seria possível pensar que isso tenha sido o resultado de um empreendimento intencional e pacífico (religioso, político e social), como um projeto missionário de expansão, já que os protestantes europeus buscavam refúgio em uma nova pátria. E mesmo que nossas origens estejam neste contexto, historicamente vemos que, na verdade, a chegada dos protestantes no Novo Mundo foi um efeito colateral da intolerância e perseguição religiosas, que a Igreja sofria, especialmente França, pelos católicos.

Foi por isso que cerca de quatrocentos cristãos calvinistas franceses, temendo represálias – mesmo antes da trágica Noite de São Bartolomeu – imigraram para nosso país, em busca de liberdade religiosa e com a promessa de fundar, no Hemisfério Sul, uma França Antártica.

**NO ENTANTO, NOSSA HERANÇA CRISTÃ
NASCEU NESTE CONTEXTO, COMO UM
EFEITO COLATERAL, DE UMA IGREJA
QUE ESTAVA SENDO PERSEGUIDA NA
FRANÇA PELOS CATÓLICOS.**

A maioria dos historiadores vê esse primeiro momento como um grande fracasso. Eu, porém, digo que a semente que germinaria e que frutificaria, em solo brasileiro, estava sendo plantada, pois o martírio desses protestantes, vindos da França, foi um ponto de partida para o nascimento da Igreja Protestante brasileira que, na atualidade, é uma das que mais cresce no mundo.

Ou seja, na história dos huguenotes, perseguidos e mortos aqui, viu-se a confirmação da verdade da frase de Tertuliano:

**“O SANGUE DOS
MÁRTIRES É A
SEMENTE DA
IGREJA.”**

A VINDA DOS HOLANDESES PARA O BRASIL (1630-1654)

A maneira como os holandeses vieram para o Brasil deve-se a diversas razões, duas delas bastantes importantes, e logo vamos explorá-las.

O mais importante para nós é reconhecer que, com eles, veio também a fé cristã de veia protestante, mesmo que o pretexto oficial fosse a expansão comercial dos holandeses no mercado Europeu, para a venda, lá, do açúcar produzido aqui.

Devemos recuperar alguns elementos da história daquela época, por exemplo, sabe-se que a Europa estava religiosamente dividida e que Espanha era ultracatólica, tanto que os reis da Espanha até mesmo haviam cortado os laços comerciais com a Holanda protestante. Assim, naquele momento, estabelecer relações comerciais com uma nação protestante era o melhor

caminho para quebrar o monopólio religioso do catolicismo, mesmo que o olhar atual de historiadores e antropólogos (militantes progressistas) seja severamente crítico a essa estratégia.

Naturalmente, os mesmos críticos alegam que a chegada desses protestantes, com suas práticas comerciais, tinha como objetivo somente a exploração dos nossos recursos naturais. Esse era o padrão recorrente das potências colonialistas em relação aos países aonde chegavam, fato que não pode ser totalmente negado...

Contudo, aqueles que têm essa percepção desconsideram as contribuições aportadas pelos imigrantes protestantes, para o desenvolvimento do bem-estar do povo e das cidades onde eles se instalaram e passaram a viver. As contribuições que essas pessoas trouxeram faziam parte da visão de mundo que elas, holandesas, tinham para o Brasil. Reconhecer isso – a proposta de uma nova sociedade verdadeiramente pautada no respeito ao ser humano, sua cultura e sua liberdade, permite-nos olhar além das atuais narrativas preconceituosas.

Quando me propus a escrever neste livro sobre o protagonismo dos pobres, vulneráveis, refugiados e imigrantes que aqui chegaram, decidi olhar a história diferentemente dos autores tradicionais e apreciar a vida, o legado e a herança que esses pioneiros deixaram para nós. Não obstante, ao sermos verdadeiros nesta análise, é necessário ressaltar que, apesar de suas muitas contribuições, a presença holandesa foi uma ocupação militar e comercial, e nem sempre pacífica.

QUANDO ME PROPUS A ESCREVER NESTE LIVRO SOBRE O PROTAGONISMO DOS POBRES, VULNERÁVEIS, REFUGIADOS E IMIGRANTES QUE AQUI CHEGARAM, DECIDI OLHAR A HISTÓRIA DIFERENTEMENTE DOS AUTORES TRADICIONAIS E APRECIAR A VIDA, O LEGADO E A HERANÇA QUE ESSES PIONEIROS DEIXARAM PARA NÓS. NÃO OBSTANTE, AO SERMOS VERDADEIROS NESTA ANÁLISE, É NECESSÁRIO RESSALTAR QUE, APESAR DE SUAS MUITAS CONTRIBUIÇÕES, A PRESENÇA HOLANDESA FOI UMA OCUPAÇÃO MILITAR E COMERCIAL, E NEM SEMPRE PACÍFICA.

Contudo, em comparação com a rigidez portuguesa da época, a administração de Maurício de Nassau representou um período de efervescência cultural e científica, deixando um legado notável, especialmente no nordeste brasileiro, mesmo que a duração da ocupação tenha sido relativamente curta: 1630-1654.

A Igreja Reformada que então atuava no Brasil, sob os auspícios do Estado Neerlandês, beneficiou-se da liberdade religiosa conferida aos protestantes, judeus, indígenas, negros e até católicos. Todos eram contemplados, não apenas com a liberdade religiosa, como também, com respeito étnico-racial e ofertas de educação e escolas.

Brasil Holandês lugar de Refúgio.

Os holandeses fizeram do Brasil um lugar de refúgio seguro, para os católicos que aqui já estavam, para os nativos indígenas e para os negros trazidos sob o cruel regime de escravidão. Quanto aos judeus, sabe-se que entre os séculos XV e XVI eles enfrentavam muita perseguição na Europa, especialmente em países ultracatólicos, como Portugal e Espanha, esta foi a razão que os fez fugir para Holanda e, de lá, virem para o Brasil, como afirma Adriana Lopez:

No ano seguinte, 1668, começava a guerra pela independência. Com a decretação da liberdade religiosa em 1579 – medida revolucionária para a época – os Países Baixos do Norte começaram a receber levas de imigrantes que escapavam das perseguições religiosas nos Países Baixos do Sul e em outras partes da Europa, incluindo Espanha e Portugal. Eram judeus sefarditas, calvinistas e luteranos, sendo a maior parte deles artesãos, comerciantes e capitalistas. (LOPEZ, 2002, p.50)

Essas perseguições os forçavam-nos a fugirem e buscarem um lugar seguro para viverem, assim, com essa imigração, no período conhecido como Brasil Holandês, a cidade de Recife tinha uma população judaica muito grande.

**POR OUTRO LADO, OS DISSIDENTES
CONHECIAM UM ESPAÇO FÍSICO
E ESPIRITUAL INEXISTENTE
EM OUTROS PAÍSES. ISSO
TRANSFORMOU O NORDESTE EM UM
VERDADEIRO PARAÍSO DE JUDEUS,
QUE CHEGARAM A TER QUATRO
SINAGOGAS, E NO RECIFE, UM EM
CADA SETE HABITANTES ERA JUDEU.
[SCHALKWIJK, P.383]**

Por outro lado, os dissidentes conheciam um espaço físico e espiritual inexistente em outros países. Isso transformou o Nordeste em um verdadeiro paraíso de judeus, que chegaram a ter quatro sinagogas, e no Recife, um em cada sete habitantes era judeu. [SCHALKWIJK, p.383]

Os reformados holandeses fizeram do nordeste brasileiro um lugar de refúgio para judeus perseguidos e, foram além, concederam liberdade plena para os brasileiros e para os católicos.

BRASIL HOLANDÊS LUGAR DE LIBER- DADE RELIGIOSA.

Maurício de Nassau, embora fosse calvinista, implementou uma política de tolerância religiosa que permitiu a prática de diferentes credos. Isso era um contraste marcante com a Inquisição e a forte ortodoxia católica portuguesa.

O PROTESTANTISMO QUE FOI IMPLANTADO AINDA NO SÉCULO DEZESSEIS, POR CALVINISTAS VINDOS DA HOLANDA, SEGUIU UM MODELO, EM CERTOS ASPECTOS, MUITO DIFERENTE DO QUE FOI IMPLEMENTADO PELOS CATÓLICOS EM TODO BRASIL, OU SEJA, NA NAÇÃO BRASILEIRA, UMA CULTURA PAUTADA PELA LIBERDADE RELIGIOSA VEM DA SIGNIFICATIVA CONTRIBUIÇÃO DESSES IMIGRANTES HOLANDESES.

O protestantismo que foi implantado ainda no século dezesseis, por calvinistas vindos da Holanda, seguiu um modelo, em certos aspectos, muito diferente do que foi implementado pelos católicos em todo Brasil, ou seja, na nação brasileira uma cultura pautada pela liberdade religiosa vem da significativa contribuição desses imigrantes holandeses.

Podemos ver que os os holandeses tinham uma maior sensibilidade em relação à cultura local, e uma ampla tolerância religiosa, a serem colocadas em prática aqui, no novo mundo. Aqueles que deixaram o velho continente estavam conscientizando-se de que a tolerância religiosa deveria ser promovida, como um bem em si mesma, e ser estendida a todos os cidadãos. Na prática, concedeu-se uma boa medida de liberdade religiosa aos habitantes católicos e judeus do Brasil Holandês, conforme diz Frans Leonard Schalkwijk:

Decidiu-se em 1619 que em nenhum lugar da Holanda judeus deveriam ser obrigados a usar algum sinal específico, como uma estrela amarela ou um chapéu vermelho. Eles poderiam matar gado conforme suas próprias leis cerimoniais e depois ter sua própria escola e cemitério; o governo pretendia não notar os exercícios judaicos. [SCHALKWIJK, p.304]

Devemos lembrar que a chegada dos holandeses ocorreu no século dezessete, e que o conceito sobre liberdade, para os judeus no Nordeste, não era uma liberdade restrita, como no caso de uma religião apenas tolerada, como seria com os protestantes no século XIX. Eles realmente tinham plena liberdade para rejeitar outras confissões religiosas, também para construir suas próprias sinagogas e fazer prosélitos, como diz Frans Leonard Schalkwijk:

A liberdade religiosa para os judeus no Brasil Holandês é comprovada pela liberdade de presença e organização religiosa, demonstrada respectivamente pelo crescimento numérico de judeus professos e pela existência de quatro sinagogas, mais ainda, porém, pela liberdade missionária, tanto passiva como ativa: aos judeus era permitido dizer 'não' àqueles que queriam sua conversão, e por outro lado, tinham até certa liberdade de fazer prosélitos. [SCHALKWIJK p.309]

**A LIBERDADE RELIGIOSA PARA OS
JUDEUS NO BRASIL HOLANDÊS É
COMPROVADA PELA LIBERDADE DE
PRESENÇA E ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA,
DEMONSTRADA RESPECTIVAMENTE
PELO CRESCIMENTO NUMÉRICO DE
JUDEUS PROFESSOS E PELA EXISTÊNCIA
DE QUATRO SINAGOGAS, MAIS AINDA,
PORÉM, PELA LIBERDADE MISSIONÁRIA,
TANTO PASSIVA COMO ATIVA: AOS
JUDEUS ERA PERMITIDO DIZER 'NÃO'
ÀQUELES QUE QUERIAM SUA CONVERSÃO,
E POR OUTRO LADO, TINHAM ATÉ CERTA
LIBERDADE DE FAZER PROSÉLITOS.**

[SCHALKWIJK P.309]

Devemos pontuar que esse modelo de liberdade religiosa é totalmente diferente do conceito de liberdade que cristãos protestantes encaram em países islâmicos, onde se afirma que os cristãos têm liberdade, porém, ela não é plena. Um estrangeiro, em um país islâmico, até pode se reunir para cultuar a Deus, segundo a sua fé, mas ele é proibido de evangelizar os nacionais. Caso um muçulmano se converta ao cristianismo ele é enquadrado na lei da apostasia.

BRASIL HOLANDÊS E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO HOLÍSTICA.

Para os cristãos reformados a educação era parte integrante de sua fé, nesse aspecto os holandeses que aqui viveram foram exemplares na implementação da sua “missão integral”, atendendo aos membros das igrejas, por eles plantadas, em todos os aspectos de suas vidas. Incluindo indígenas e negros escravizados, que eram vistos como seres plenos.

Talvez o aspecto mais interessante seja o da missão entre os indígenas, cujo idealista foi Soler, o pastor espanhol refugiado. Depois de algumas experiências, o trabalho começou em 1638 nas aldeias da Paraíba, com professores e o pastor-missionário “David à Doreslaer. E não apenas ele, pois durante os dezesseis anos de trabalho missionário, quase vinte e cinco por cento do corpo ministerial esteve engajado. Sem dúvida, a estratégia missionária era abrangente: pregação, educação, assistência diaconal e familiar, a preparação de um catecismo em tupi e até um projeto de tradução da Bíblia na língua indígena. [SCHALKWIJK p.383]

Sem dúvida, uma visão missionária ímpar, que contribuiu extraordinariamente com as comunidades nordestinas, onde “David à Doreslaer² teve muito êxito em seu trabalho, estendendo o campo missionário até Goiânia , e escreveu um catecismo em três línguas: tupi, português e holandês.” [SCHALKWIJK, p. 218, 219]

A Igreja no Brasil reconheceu a importância desse tratamento, tanto que trechos do Catecismo de Heidelberg foram vertidos para o tupi pelo pastor-missionário Apricius; ele que, depois de regressar do Brasil, entregou ao Presbitério de Amsterdã um dicionário tupi-holandês e prometeu elaborar uma gramática tupi e um catecismo de Heidelberg (na língua tupi), esperando que “de vez em quando [estes] pudessem ter a sua utilidade”. O projeto envolvia outro aspecto, além da liberdade e produção de material para evangelismo na língua nativa, incluía o preparo teológico de líderes autóctones.

² David à Doreslaer foi um missionário católico que atuou na Paraíba, ele começou a evangelizar em 1638 e se destacou por sua contribuição à catequização indígena, com materiais traduzidos em tupi

³ Goiânia, capital do estado de Goiás, fica distante mais de dois mil quilômetros do estado da Paraíba.

O PROJETO ENVOLVIA OUTRO ASPECTO, ALÉM DA LIBERDADE E PRODUÇÃO DE MATERIAL PARA EVANGELISMO NA LÍNGUA NATIVA, INCLUÍA O PREPARO TEOLÓGICO DE LÍDERES AUTÓCTONES.

Entretanto, isso não se concretizou, esse projeto não foi consumado porque os holandeses foram expulsos do Brasil em 1654, como resultados da aliança entre portugueses e brasileiros contra os seus “invasores”, conforme considera o Rev. Dr. Frans Leonard Schalkwijk. [SCHALKWIJK, p.275]

A consequência do fim desse período, segundo o Dr. Leonildo Silveira Campos, que cita o Dr. Schalkwijk sobre o legado deixado pelos holandeses no Brasil, foi que “o protestantismo reformado foi eliminado do Brasil, restando apenas uma comunidade de indígenas convertidos, que se refugiaram nas selvas.” [CAMPOS 2017, p.50]

A CONSEQUÊNCIA DO FIM DESSE PERÍODO, SEGUNDO O DR. LEONILDO SILVEIRA CAMPOS, QUE CITA O DR. SCHALKWIJK SOBRE O LEGADO DEIXADO PELOS HOLANDESES NO BRASIL, FOI QUE “O PROTESTANTISMO REFORMADO FOI ELIMINADO DO BRASIL, RESTANDO APENAS UMA COMUNIDADE DE INDÍGENAS CONVERTIDOS, QUE SE REFUGIARAM NAS SELVAS.” (CAMPOS 2017, P.50)

Ainda que breve, mostrou-se intenso o tratamento e cuidado pleno que os holandeses reformados tiveram com os brasileiros, um exemplo histórico do nível elevado com o qual os cristãos protestantes enxergavam e tratavam a cultura e o povo que os recebia.

LIBERTAÇÃO DE ESCRAVOS E INDÍGENAS.

Uma das práticas mais condenáveis nesse período era que, tanto negros, escravos, quanto indígenas eram tratados de maneira desumana, por fazendeiros e donos de engenhos. Especificamente no Nordeste, a Igreja Holandesa Reformada mudou esta realidade na vida dessas pessoas, e dois pastores foram responsáveis por este memorável momento cultural, como diz Frans Leonard Schalkwijk:

Como esse alvo se concretizou na realidade? A lei era clara, mas convinha aplicá-la. Os Senhores XIX insistiram em que fossem postos em liberdade plena os “brasilianos” que tinham sido escravizados pelos portugueses em 1625, depois da partida da esquadra holandesa. Todavia, a concretização dessa meta demorou. Quem melhor podia

sentir a situação real eram os pastores, e frequentemente, ou como concílio eclesiástico ou mesmo pessoalmente, dirigiram-se ao governo “para sanar irregularidades ou melhorar a lei. Um caso interessante foi a “lei do ventre livre” para os índios, originada de uma consulta dos pastores Kemp e Van der Poel. As atas diárias do governo no Recife registraram, no início de 1645, ainda antes da revolta e antes da grande assembleia dos índios, que esses dois pastores denunciaram vários casos no Rio Grande. Havia alguns brasileiros casados com escravas negras e, também, escravos negros casados com mulheres brasileiras. Será que nesse caso a parte escrava não devia ser considerada livre? O governo decidira: a parte escrava não se libertava pelo matrimônio, mas sim podia ser alforriada; e os filhos desse tipo de casamento seriam considerados livres, reiterando que brasileiros, sem exceção, eram livres, inclusive tapuias”. [SCHALKWIJK, p.213,214]

O GOVERNO DECIDIRA: A PARTE ESCRAVA NÃO SE LIBERTAVA PELO MATRIMÔNIO, MAS SIM PODIA SER ALFORRIADA; E OS FILHOS DESSE TIPO DE CASAMENTO SERIAM CONSIDERADOS LIVRES, REITERANDO QUE BRASILEANOS, SEM EXCEÇÃO, ERAM LIVRES, INCLUSIVE TAPUIAS” . [SCHALKWIJK, P.213,214]

Esse período, conhecido como o Brasil holandês, foi de curta duração, contudo, importantíssimo quando se considera a mentalidade da fé reformada que se fez presente aqui – lembrando que esta foi a segunda tentativa dos reformados estabelecerem-se em nossa nação (a primeira foi a dos huguenotes no Rio de Janeiro). A contribuição deles, que não pode ser negada, influenciou a liberdade religiosa, o acolhimento dos judeus perseguidos, educação integral dos indígenas e dos escravos, como também a libertação destes.

Apesar de o catolicismo, na época, tentar blindar o Brasil contra a entrada e estabelecimento do protestantismo, ele não pôde resistir à influência de Robert Reid Kalley – um médico escocês que trabalhava na Ilha da Madeira e que depois de ser perseguido lá, foi para os Estados Unidos e, tempos depois veio ao Rio de Janeiro como missionário.

Foi Kalley quem lançou as bases do protestantismo no Brasil e, também,
CONQUISTOU VÁRIOS DIREITOS CIVIS PARA O PROTESTANTISMO
que era, até então, apenas tolerado.

ROBERT KALLEY, UM PROTAGONISTA

Robert Reid Kalley (1809-1888) era nascido em Glasgow, Escócia e foi nesse país que ele recebeu uma sólida formação acadêmica e se graduou em Medicina, Cirurgia e Farmácia, pela Universidade de Glasgow.

Essa formação diversificada não só o preparou para a prática médica, mas também o equipou com habilidades valiosas para seu futuro trabalho missionário, especialmente em regiões onde o acesso à saúde era limitado.

Sua história pessoal é interessante, pois apesar de ter crescido em um família cristã, Kalley abandonou a sua fé durante anos e só retornou definitivamente para os caminhos do Senhor após uma de suas consultas, como médico, a uma senhora de 88 anos de idade.

CONVERSÃO-MISSÃO NA ILHA DA MADEIRA E BRASIL

E, para entendermos melhor como e porque Robert Reid Kalley veio parar aqui, é necessário elucidar que essa família era rica e intelectualmente dominante. Ou seja, aqui se desfaz a falácia, propagada pela elite brasileira e pela maioria dos acadêmicos, de que o cristianismo é uma religião para pobres e pessoas sem cultura acadêmica.

**E, PARA ENTENDERMOS
MELHOR COMO E PORQUE ROBERT
REID KALLEY VEIO PARAR AQUI,
É NECESSÁRIO ELUCIDAR QUE
ESSA FAMÍLIA ERA RICA E
INTELECTUALMENTE DOMINANTE.
OU SEJA, AQUI SE DESFAZ A
FALÁCIA, PROPAGADA PELA ELITE
BRASILEIRA E PELA MAIORIA
DOS ACADÊMICOS, DE QUE O
CRISTIANISMO É UMA RELIGIÃO
PARA POBRES E PESSOAS SEM
CULTURA ACADÊMICA.**

Pois bem, a missão e propósito da família Kalley finalmente o trouxeram para cá, mas a sua primeira jornada missionária começou de forma desafiadora na Ilha da Madeira, Portugal, para onde ele se mudou em 1838 por motivos de saúde de sua esposa, Margaret Kalley. Uma análise fria da situação, deste impulso pela necessidade de um lugar apropriado para o tratamento médico, dirá que eles estavam buscando receber, muito mais do que oferecer algo para o novo lugar de moradia.

Uma vez lá, na ilha da Madeira, o Dr. Kalley exerceu a medicina ao mesmo tempo em que iniciou um trabalho de evangelização – abrindo escolas, ensinando a população a ler e utilizando a Bíblia como material didático. O serviço médico foi o combustível que atraiu muitos madeirenses à fé cristã e, foi isso que, também, chamou a atenção dos católicos.

A perseguição sofrida por ele na Ilha da Madeira foi causada pelos resultados positivos do seu ministério, com a conversão de muitos madeirenses, o que gerou forte oposição da Igreja Católica local, que via o protestantismo como uma ameaça à sua hegemonia. A perseguição intensificou-se a tal ponto que evoluiu para tumultos, violência e à prisão de Kalley e de seus convertidos. O médico e missionário foi, então, acusado de blasfêmia e heresia, e sua vida esteve em risco em diversas ocasiões. Como consequência, muitos de seus discipulados foram forçados ao exílio, migrando para lugares como Trinidad e Tobago e, posteriormente, para os Estados Unidos.

Uma igreja improvável, plantada por um médico e sua esposa de saúde frágil, um casal com claras limitações, mas que não foram impedidos de proclamarem o evangelho de Jesus por nada e ninguém!

Assim, pessoas vulneráveis, quase que fugitivos, foram responsáveis pela inserção do protestantismo no Brasil, o saldo positivo da perseguição na Ilha da Madeira é que ela forjou o caráter de Kalley, preparando-o para os desafios que ele enfrentaria no Brasil.

**ELE E SEUS DISCIPULADOS
NÃO CHEGARAM AQUI GRAÇAS
ÀS SUAS INFLUÊNCIAS
INTELECTUAIS, FAMA OU PODER
FINANCEIRO, APESAR DO DR.
KALLEY TER TUDO ISSO**

Ele e seus discipulados não chegaram aqui graças às suas influências intelectuais, fama ou poder financeiro, apesar do Dr. Kalley ter tudo isso, como disse Émili G. Léonard:

Havia já conseguido milhares de adeptos quando uma violenta perseguição desencadeada pelo clero (1846-1847) o obrigou a deixar a ilha acompanhado de seus prosélitos que não quiseram renunciar à nova fé. Cerca de dois ou três mil (9) desses infelizes foram reunir-se em grande parte nos Estados Unidos, principalmente em Illinois, para onde foram também mais tarde, em 1853, outras centenas de refugiados que acabavam de abandonar a Madeira, onde continuava a perseguição. O rigor do clima desse centro do continente, entretanto, levou-os a procurar novo asilo, havendo alguns deles se dirigido para Massachussets (10) e Nova Jersey. (LEONARD 2002)

Após o turbulento período na Ilha da Madeira e passagens por Malta e Palestina, Robert Kalley e sua segunda esposa, Sarah Poulton Kalley, chegaram ao Rio de Janeiro em 10 de maio de 1855. A vinda ao Brasil foi motivada pelo desejo de continuar seu trabalho missionário em um ambiente onde houvesse mais liberdade religiosa, embora aqui a Constituição Imperial ainda estabelecesse o catolicismo como religião oficial do Estado.

Mas, a notícia de que havia oportunidades para evangelizar no Brasil, possivelmente obtida através de contato com missionários já presentes, como James Fletcher, influenciou sua decisão. Assim, o Dr. Kalley, como missionário escocês, vivendo sua missão integral, impactou a história do cristianismo brasileiro. Sua trajetória, marcada por perseguições e uma profunda dedicação ao evangelho, tornou-o uma figura central na implantação do protestantismo autóctone no país.

INICIALMENTE, OS KALLEY SE ESTABELECEM EM PETRÓPOLIS/RJ, ONDE ENCONTRARAM UM AMBIENTE PROPÍCIO PARA INICIAR SEU MINISTÉRIO. ELES SE INSTALARAM NA PROPRIEDADE “GERNHEIM” (LAR MUITO AMADO), ANTES OCUPADA PELO EMBAIXADOR AMERICANO, ALI PUDEAM INICIAR A PRIMEIRA ESCOLA DOMINICAL DO BRASIL, EM AGOSTO DE 1855, COM A PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS DA CASA E VIZINHOS. POSTERIORMENTE, CLASSES PARA ADULTOS EM PORTUGUÊS, INGLÊS E ALEMÃO FORAM FORMADAS.

É importante que se saiba que, em Petrópolis, a família Kalley tinha como vizinho o rei Dom Pedro II, homem intelectual e dedicado aos estudos, que sempre visitava o Dr. Kalley, mesmo sem avisar previamente.

No Brasil Imperial, a pregação protestante aos brasileiros era restrita por lei, e a Igreja Católica detinha grande poder e influência. Já no Brasil República o protestantismo era considerado como uma religião tolerada, isto significa que: “A Constituição era interpretada somente permitindo o culto protestante desde que em família, no lar e em língua nativa”. (TUCKER, 1986)

Émile G. Léonard afirma de maneira mais clara como os cultos das religiões toleradas deveriam ser celebrados:

INQUIETO, KALLEY APELOU PARA SEU CÔNSUL E, EM 19 DE OUTUBRO DE 1861, ERA DISTRIBUÍDA UMA CIRCULAR DO CHEFE DA POLÍCIA DA CAPITAL, LEMBRANDO O RESPEITO DEVIDO AOS CULTOS NÃO CATÓLICOS, DESDE QUE ESTES TIVESSEM LUGAR EM LOCAIS PARTICULARES, SEM CARÁTER DE TEMPLO, COMO ACONTECIA ENTÃO. (LEONARD, 2002)

Inquieto, Kalley apelou para seu cônsul e, em 19 de outubro de 1861, era distribuída uma circular do chefe da polícia da capital lembrando o respeito devido aos cultos não católicos, desde que estes tivessem lugar em locais particulares sem caráter de templo, como acontecia então. (LEONARD, 2002)

Diante desse cenário, Kalley adotou estratégias cautelosas e eficazes para proclamação do Evangelho, mas o suposto excesso de cuidado e zelo atraiu críticas e levou a divergências com outros missionários. Um dos conflitos mais conhecidos foi com o jovem missionário presbiteriano Ashbel Green Simonton, que chegou ao Brasil em 1859. A principal causa desse conflito residia no desacordo de Ashbel com as estratégias missionárias do Dr. Kalley. Marcado pela sua experiência de perseguição na Ilha da Madeira; o médico advogava por uma abordagem mais discreta e gradual, para evitar confrontos diretos com as autoridades e com a Igreja Católica local. Ashbel Simonton, por sua vez, defendia uma postura mais aberta e proselitista, acreditando que a mensagem do evangelho deveria ser proclamada publicamente.

Entendendo o contexto religioso católico do Brasil, Kalley optou pela prudência e sua influência pessoal, para alcançar muitas pessoas poderosas, por meio das seguintes estratégias:

1. **Evangelização discreta e gradual:** Ciente das perseguições que havia sofrido na Ilha da Madeira, Kalley inicialmente agiu com discrição, concentrando-se na evangelização pessoal e em pequenos grupos.
2. **Enfoque na educação e alfabetização:** Assim como na Madeira, Kalley utilizou a educação como ferramenta missionária, ensinando outros a ler por meio da Bíblia.

3. **Produção e distribuição de literatura:** Ele reconheceu a importância da literatura evangélica, encomendando publicações de Lisboa e produzindo seus próprios materiais.
4. **Abertura de escolas dominicais:** As escolas dominicais foram um pilar de seu trabalho, proporcionando um ambiente de estudo bíblico e evangelização.
5. **Ênfase na autossustentabilidade da igreja:** Kalley visava o estabelecimento de uma igreja brasileira autossuficiente, que não dependesse exclusivamente de recursos ou missionários estrangeiros.

EMBORA SEU MINISTÉRIO NÃO SE RESTRINGISSE À ELITE, HÁ EVIDÊNCIAS DE QUE KALLEY DIRECIONAVA PARTE DE SEUS ESFORÇOS MISSIONÁRIOS E PREGAÇÃO PARA ESSE SEGMENTO DA SOCIEDADE. ESSA ESTRATÉGIA PODE SER EXPLICADA POR RAZÕES QUE CULMINARAM EM BENÉFICOS RESULTADOS SOCIAIS, POLÍTICOS E RELIGIOSOS PARA A IGREJA EVANGÉLICA NO BRASIL, QUE INCLUSIVE PERDURAM ATÉ OS DIAS DE HOJE.

Embora seu ministério não se restringisse à elite, há evidências de que Kalley direcionava parte de seus esforços missionários e pregação para esse segmento da sociedade. Essa estratégia pode ser explicada por razões que culminaram em benéficos resultados sociais, políticos e religiosos para a Igreja Evangélica no Brasil, que inclusive perduram até os dias de hoje.

Isso nos leva às seguintes questões: Como você, cristão, tem usado sua vocação ministerial, profissional, política e seus recursos financeiros para mudar cenários onde há perseguição, intolerância religiosa, injustiças sociais? O Dr. Kalley exerceu influência social sobre a elite e isso resultou na conversão de membros dessa classe de pessoas. O médico compreendeu que a elite poderia ter um efeito multiplicador, influenciando outras camadas sociais e, potencialmente, facilitando a aceitação do protestantismo, como de fato aconteceu.

Vale mencionarmos que a maioria da elite brasileira, que olha os evangélicos de cima para baixo, está entre os oito segmentos menos alcançados da sociedade brasileira – e este grupo também precisa de salvação!

**Se você tem acesso a essas pessoas, a pergunta é,
O QUE VOCÊ TEM
FEITO?**

Pois bem, o Dr. Kalley ter contato com figuras influentes daquela época, como Dom Pedro II, poderia de alguma maneira oferecer a ele uma certa camada de proteção, em um ambiente ainda hostil ao protestantismo. Foi justamente isso que aconteceu quando os primeiros convertidos surgiram, esses foram duas damas da corte imperial, Dona Gabriela Augusta Leão, irmã do marques de Paraná e do Barão de Santa Maria, e sua filha Dona Henriqueta.

**FOI JUSTAMENTE ISSO QUE
ACONTECEU QUANDO OS PRIMEIROS
CONVERTIDOS SURGIRAM, ESSES
FORAM DUAS DAMAS DA CORTE
IMPERIAL, DONA GABRIELA AUGUSTA
LEÃO, IRMÃ DO MARQUES DE PARANÁ
E DO BARÃO DE SANTA MARIA, E SUA
FILHA DONA HENRIQUETA.**

Este acontecimento colocou o Dr. Kalley debaixo de uma pressão imediata, tanto que ele foi oficialmente lembrado das limitações legais que deveria respeitar:

A pedido do núncio, o Ministro dos Negócios Estrangeiros (que era então Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco) informou ao médico escocês, por intermédio do encarregado dos negócios ingleses, que “a tolerância religiosa garantida pela Constituição Brasileira não é tão plena que admita a propaganda de doutrinas contrárias à religião do Estado”. (LEONARD, 2002)

Uma outra contribuição de Kalley, que merece destaque – principalmente para o momento em que a contribuição dos protestantes para a formação e influência da sociedade brasileira vem à luz por meio de antropólogos, como Juliano Spyer, Erick Emily Smith e Davi Lago, dentre outros – é que o médico pregava o evangelho dentro de parâmetros racionais, o que era atrativo à elite culta. Ou seja, ainda que essas pessoas não fossem simpatizantes do protestantismo, poderiam estar abertas às discussões teológicas e intelectuais propostas pelo médico escocês.

Sendo elas influentes e mais tolerantes, posteriormente ajudaram Robert Kalley, quando surgiram tempos de perseguição e intolerância, promovidos pelos católicos.

Cooperação sem politização, é assim que podemos descrever o lado mais notável do ministério de Kalley no Brasil, a sua relação com o Imperador Dom Pedro II. O imperador, que era conhecido por sua curiosidade intelectual e tolerância religiosa, desenvolveu uma sincera amizade com Kalley.

COOPERAÇÃO SEM POLITIZAÇÃO, É ASSIM QUE PODEMOS DESCRIVER O LADO MAIS NOTÁVEL DO MINISTÉRIO DE KALLEY NO BRASIL, A SUA RELAÇÃO COM O IMPERADOR DOM PEDRO II. O IMPERADOR, QUE ERA CONHECIDO POR SUA CURIOSIDADE INTELLECTUAL E TOLERÂNCIA RELIGIOSA, DESENVOLVEU UMA SINCERA AMIZADE COM KALLEY.

Há relatos de visitas de Dom Pedro II à residência do missionário em Petrópolis, onde discutiam sobre a Terra Santa e outros assuntos bíblicos e teológicos. Essa relação próxima, ainda que informal, com o chefe de estado, conferiu certa legitimidade e proteção ao trabalho do Dr. Kalley e de seus seguidores, que desfrutaram de uma abertura e liberdade, que não eram comuns em muitos países católicos da época.

Aqueles conflitos com o jovem Ashbel Green Simonton, considerado também como um pioneiro do presbiterianismo brasileiro, estavam relacionados aos temores que Robert Reid Kalley sentia, por causa da sua experiência amarga na Ilha da Madeira. Mesmo assim, o Dr. Kalley juntamente com outros refugiados e imigrantes, lançaram as bases sólidas do protestantismo brasileiro, começando entre os intelectuais e a elite, mas chegando a todas as esferas atuais. Nos espaços acadêmicos, urbanos e rurais, políticos e laicos, nas várias realidades econômicas.

**MESMO ASSIM, O DR. KALLEY
JUNTAMENTE COM OUTROS
REFUGIADOS E IMIGRANTES,
LANÇARAM AS BASES SÓLIDAS
DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO,
COMEÇANDO ENTRE OS INTELLECTUAIS
E A ELITE, MAS CHEGANDO A TODAS
AS ESFERAS ATUAIS. NOS ESPAÇOS
ACADÊMICOS, URBANOS E RURAIS,
POLÍTICOS E LAICOS, NAS VÁRIAS
REALIDADES ECONÔMICAS.**

A obra de Kalley, de maneira profusa, revelou-se oposta ao evangelho de Jesus socialmente estereotipado, como sendo adequado ou sob justa medida apenas para pessoas sem formação acadêmica e desesperançados, ou seja, os ignorantes, pretos, pobres, pardos e periféricos...

Longe disso, sabemos que o Evangelho é para todos e faz de todos, que ele alcança, “protagonistas” de uma nova história.

O protestantismo inicialmente era uma religião apenas “tolerada”, com “liberdade” limitada pelo próprio Estado e fiscalizada, além disso, os seus locais de cultos no Rio de Janeiro estavam se tornando impróprios para que as reuniões acontecessem, pois os imóveis estavam sendo atacados com violência. Muitos foram apedrejados, nas suas escadas era jogada água de sabão e, em outros casos, até fezes eram colocadas nos locais de cultos protestantes, supostamente ações criminosas incitadas pelos líderes da Igreja Católica local.

A pressão e perseguição sobre os protestantes foram tamanhas que fizeram com que Kalley reagisse legalmente, segundo considera Émile G. Leonard. Primeiro, isto fez com que o Dr. Kalley recorresse à lei em busca de uma solução interna no Brasil, como diz Ruth A. Tucker:

Kalley então consultou três dos mais notáveis juristas brasileiros e citou seus pareceres em sua defesa [...] Apesar do parecer dos juristas, continuavam as perseguições contra os protestantes. (TUCKER, 1986).

Com a continuidade das perseguições, o Dr. Kalley elevou o tom e recorreu a uma instância maior.

**SABEMOS QUE,
O EVANGELHO É
PARA TODOS E
FAZ DE TODOS,
QUE ELE ALCANÇA,
“PROTAGONISTAS”
DE UMA NOVA
HISTÓRIA.**



*Conteúdo disponível em PDF e em vídeo!
Links na bio do instagram @prsamuelsilva_*

*Faça parte do Canal através do QR Code,
pelo Whatsapp (11) 92032-4277) ou pelo
link- <https://abrir.link/PcbXw>*

EVANGÉLICOS:

**IGNORANTES
PRETOS,
POBRES,
PARDOS
PERIFÉRICOS
OU**

PROTAGONISTAS?

SAMUEL SILVA